



ADERALDO GIL

ADERALDO GIL, UM GRIÔ NO DEGASE

Juliana Vinito

Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Negra-UFF (Núcleo de Estudos Guerreiro Ramos). Também integra a Coalizão pela Socioeducação.

Amigos e amigas do trabalho, da família e da luta social
Vamos nos fortalecer para vencer o mal
Fazer deste limão uma limonada, superar esta empreitada,
e vencer, vencer, vencer! Este samba é para você
Amigo e amiga desta jornada da vida.

Na jornada da vida
Aderaldo Gil

Desde que comecei a fazer pesquisa junto a servidores do Degase, lá pelos idos de 2015, constantemente ouço inúmeros profissionais diferentes falando de Aderaldo Gil - como é conhecido o professor Aderaldo Pereira dos Santos - com muito respeito e deferência. Antes mesmo de conhecê-lo eu já sabia de sua sabedoria e sensatez, além de seus dons artísticos como sambista, o que é ilustrado pela epígrafe deste texto: trata-se de um samba do próprio Aderaldo convocando seus amigos a superar as adversidades da vida. Assim como esse trecho do samba “A jornada da vida”, Aderaldo nos traz esperança com sua luta e seu conhecimento. Todas essas características foram imediatamente confirmadas por mim, desde a primeira vez que vi Aderaldo, e se renovam em várias oportunidades desde então.

Para além de minhas impressões pessoais, a trajetória de Aderaldo fala por si só e revela a dedicação de um ativista notável, de um intelectual ilustre e de um profissional combatente. Pretendo demonstrar neste texto de homenagem como o Professor Aderaldo tem atuado de modo louvável como um verdadeiro griô no DEGASE. Como se sabe, griô é uma palavra de origem africana que se refere àqueles que exercem a vocação de preservar e transmitir histórias e conhecimentos de seu povo. Já há algum tempo o movimento negro brasileiro tem mobilizado o termo griô para celebrar a atuação daqueles que trabalham em prol da memória do povo negro e que por isso se tornam a ancestralidade viva, personificada, de um grupo. Assim, os griôs não apenas preservam tradições e conhecimentos relegados por aqueles que estão no poder, mas disputam narrativas sobre o passado, se esforçando por destacar as lutas e contribuições históricas do povo negro que costumam ser silenciadas pelo racismo.

Vemos a atuação de Aderaldo como griô desde muito cedo, o que revela que sabedoria não decorre apenas de fatores como idade ou experiência. Aderaldo inicia sua militância no movimento negro na década de 1980, quando ainda era adolescente, se aproximando do IPCN (Instituto de Pesquisa de Culturas Negras). Na verdade, o interesse de Aderaldo em combater o racismo já existia, sendo semeado pelo seu pai, que sempre falava para ele sair com sua documentação para o caso de uma blitz. Esse alerta, por ser algo que adolescentes brancos não costumavam ouvir nos mesmos termos, foi entendido por Aderaldo como um claro efeito do racismo. E num determinado dia em que Aderaldo viu uma banca do IPCN, durante uma manifestação na rua, teve a oportunidade de se aproximar mais institucionalmente da luta antirracista¹.

Isso significa que, quando começou sua graduação em História na Universidade Federal Fluminense (UFF), Aderaldo já tinha bagagem crítica sobre as configurações do racismo no Brasil, com destaque para sua participação na organização da histórica marcha de 11 de maio de 1988, chamada de “Marcha contra a farsa da abolição”. Dois dias antes da data que marcaria o centenário da abolição da escravatura no Brasil, o IPCN organizou, no centro da cidade do Rio de Janeiro, uma passeata reunindo milhares de pessoas cujo mote foi: “1888 - Nada mudou. Vamos mudar!”. Essa Marcha almejou denunciar o racismo silenciado pelo mito da democracia racial², celebrar as tradições culturais negras e lutar pelo direito à memória do povo negro. Tratou-se da maior manifestação popular desde o fim da Ditadura Civil-militar, e que, ao ser reprimida justamente pelo Exército, revelou a força do racismo e a permanência das estruturas autoritárias naquele momento: mais de 600 soldados, ostentando armas pesadas, impediram a passagem da Marcha, o que marcou a história do nosso país.

Gostaria de ressaltar que, em minha opinião, a formação em História de Aderaldo não é mera coincidência, pois isso possibilitou-lhe exercer seu papel de griô de modo exemplar, e há muito tempo Aderaldo mobiliza a História como ferramenta de luta contra o racismo. Nesse sentido, gostaria de destacar a sua entrada para o DEGASE, no ano de 2001, momento em que passa a lecionar História aos adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa. E, como todo bom intelectual, Aderaldo jamais separou seu ativismo das demais esferas de sua vida, o que fica especialmente evidente em sua pesquisa de mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) intitulada “O Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei”. Defendida em 2007, esta dissertação apresentou as análises de alguns militantes do Movimento Negro do Rio de Janeiro sobre a questão da juventude em conflito com a lei, inclusive alguns ativistas egressos da FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor). Ao trazer a narrativa desses militantes sobre o tema, Aderaldo pôde abrir espaço para uma discussão profunda sobre as diversas formas como o racismo se apresenta, sobretudo ao ser a base da seletividade penal. Como griô que é, Aderaldo utilizou o espaço de sua dissertação para tratar das contribuições intelectuais de ativistas do movimento negro sobre um tema que já naquela época estava cada vez mais presente no debate público, guardando assim a memória dos debates que centralizavam a dimensão racial do tema.

Posteriormente, a partir de 2012, Aderaldo se torna coordenador do Centro de Documentação e Memória (CEDOM) do DEGASE, momento em que passa a se dedicar a desbravar histórias de resistência em ambientes socioeducativos. Aqui vemos Aderaldo como um griô por excelência, sendo um guardião da memória em um tipo de instituição que costuma ignorar a permanência de suas mazelas históricas. Tal inserção permitiu a Aderaldo publicar alguns livros, como: “*Padre Severino: da pessoa ao Instituto*”¹(2013), escrito em parceria com Raul Japiassú Câmara, também servidor do DEGASE; “*Memória de egressos e servidores do sistema socioeducativo*”² (2018); e “*Os primeiros anos da Escola João Luis Alves*”³ (2018).

Ainda no âmbito do DEGASE, Aderaldo se torna o idealizador do NEAB-DEGASE (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do DEGASE), coletivo que nasce em maio de 2015 com o objetivo de combater o racismo na Socioeducação. Atualmente vinculado à Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire, o NEAB-DEGASE é organizado por profissionais de diversas áreas que pautam o debate racial dentro do DEGASE, além de oferecer encontros, cursos e outros eventos sobre o tema. Estimulando outros servidores-intelectuais antirracistas do DEGASE, Aderaldo deu o pontapé inicial para a articulação e institucionalização do NEAB-DEGASE. Um dos principais frutos do NEAB-DEGASE é a Revista AÚ⁶ que conta como Ade-

raldo como coeditor e publica textos que ajudam os servidores do próprio DEGASE a realizarem discussões e ações de enfrentamento ao racismo na Socioeducação.

Toda esta inserção profissional, bem como seu interesse em desbravar a memória da Socioeducação no Brasil, reverberou de modo especial no tema de sua tese de doutorado em Educação, realizada no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A tese foi defendida em 2019 e se intitula “*Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos (1870-1930)*”, e teve como objetivo analisar a trajetória deste intelectual negro, bem como suas contribuições para a educação antirracista. E como Aderaldo é um intelectual completo, não bastou escrever uma tese sobre o Professor Hemetério, ele também fez um samba:

O nome dele é Hemetério
Educador que veio do Império
Professor que falou sério
A história do negro neste país
Hemetério sabe o que diz...
Ele veio de Codó
veio de Codó
Que fica no Maranhão

Samba do Hemérito
Aderaldo Gil

Além da dissertação e da tese já referidas aqui, atualmente o professor Aderaldo é pesquisador de pós-doutorado da UFF, retornando à casa na qual concluiu seus estudos de graduação em História. Celebro esse ponto, porque demonstra que a sede de conhecimento do professor Aderaldo está longe de acabar.

Como pesquisadora que sou, acabei destacando mais as contribuições acadêmicas de Aderaldo, mas ele é muito mais do que isso! Primeiramente, porque fica claro que seu legado intelectual jamais se separou de sua luta política. Partindo da premissa que se luta contra o racismo de várias formas, Aderaldo leva isso bem a sério e luta com samba, produção de conhecimento, organização de debates, coordenação de eventos e muito mais! Com relação a este último ponto, gostaria de destacar a Campanha “21 dias de ativismo contra o racismo”, que incentiva grupos a se organizarem de forma autônoma para realizar eventos que fortaleçam o enfrentamento ao racismo no mês de março, para jamais esquecermos do dia 21 de março, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Dia Interna-

cional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, em memória ao “Massacre de Sharpeville”. Esse massacre aconteceu na África do Sul, em 21 de março de 1960, em pleno apartheid, regime político de segregação racial que durou entre 1948 e 1994. No Massacre de Sharpeville, tropas do exército atiraram contra uma multidão que protestava pacificamente contra uma lei que obrigava negros a portarem um cartão que limitava os locais onde poderiam circular, o que resultou em 69 mortos e 186 feridos.

Vemos que a luta antirracista do Professor Aderaldo nem de longe se restringe ao DEGASE, mas sua atuação nesta instituição tem características especiais, já que Aderaldo participa de diversos debates sobre as dinâmicas racistas de certos modos de implementação as Medidas Socioeducativas. Como ele afirmou na mesa redonda intitulada “Privação e Restrição de Liberdade, Juventude e Racismo”, organizada pela Rede Interinstitucional de Grupos de Pesquisa sobre políticas de privação e restrição de Liberdade⁷:

“Se o jovem adolescente está sob a tutela do Estado, ele tem que ter acesso a essa escolarização. Não tem saída para isso. Tem que ter! E quando a instituição faz isso efetivamente, ela está contribuindo com o antirracismo, porque muitos desses jovens não tiveram oportunidade de estudar lá fora e ali eles podem ter a oportunidade de sair dali com uma outra formação. **Agora, se não está contribuindo com o antirracismo, está contribuindo com o racismo.** Está reproduzindo a lógica racista” (grifo meu).

Vemos, assim, que a preservação da memória e a educação são vistas pelo Professor Aderaldo como formas concretas de enfrentar o racismo que atravessa a rotina dos profissionais do DEGASE. Por isso, vejo o griô Aderaldo como um legado vivo para as atuais gerações de servidores que desejam lutar contra o racismo em suas jornadas de trabalho e em suas interações cotidianas.

Professor Aderaldo, você é um grande exemplo e uma forte esperança! Obrigada!

NOTAS

1. Para saber mais sobre a aproximação inicial entre Aderaldo e IPCN, bem como outros momentos de sua trajetória, ver a entrevista que ele deu à Carlos Alberto Medeiros na TV Alerj: <https://cultne.tv/especiais-cultne/canais-parceiros/260/tv-alerj/video/2790/aderaldo-gil>
2. A "democracia racial" foi uma ideologia que surgiu na década de 1930, apoiada por sucessivos governos, que defendia a tese de que não havia racismo no Brasil. Esta alegação se baseava nos altos níveis de casamentos inter-raciais, na existência de alguns indivíduos negros em espaços de prestígio (como esportes ou música), entre outros. Desde os anos 1980, o movimento negro brasileiro vem denunciando o que eles têm chamado de "o mito da democracia racial", mostrando que, apesar da longa história de miscigenação em nosso país, a branquitude é considerada a norma e os negros vivenciam inúmeras desigualdades por causa da cor de sua pele.
3. O livro em formato digital pode ser acessado no site da Biblioteca do Degase no seguinte link: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/6681/acervo/detalhe/109?guid=1655320437176&returnUrl=%2f-terminal%2f6681%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1655320437176%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d109%23109&i=4>
4. O livro em formato digital pode ser acessado no site da Biblioteca do Degase no seguinte link: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/6681/acervo/detalhe/1249?guid=1582070400312&returnUrl=%2f-terminal%2f6681%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1582070400312%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1249%231249&i=1>
5. O livro em formato digital pode ser acessado no site da Biblioteca do Degase no seguinte link: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/6681/acervo/detalhe/1251?guid=1655320262452&returnUrl=%2f-terminal%2f6681%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1655320262452%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1251%231251&i=3>
6. As edições da Revista AÚ podem ser acessadas em <https://publicacoes.degase.rj.gov.br/index.php/revistaau/issue/archive>
7. Para assistir a palestra completa - que inclusive conta com a presença de outros servidores do Degase já reconhecidos por sua luta antirracista - ver <https://www.youtube.com/watch?v=OxhCpKdExpc>

IMAGENS

1. Imagem de Aderaldo – Acervo da família